

Hugo Correia Pardal,
Educador do Colégio de S. Fiel

Francisco Goulão (ESECB/IPCB)

Não é muito fácil fazer uma nota biográfica consistente sobre Hugo Correia Pardal. Fez grande produção literária que ocultou, por discrição. Como em todos os actos de sua vida, este autor, poeta e prosador, preferiu o silêncio e privou--nos, sem intenção, da leitura saborosa de boas peças literárias. Apesar de tudo, tentemos reconstituir o possível, pois nem tudo se perdeu. Não publicou qualquer obra literária específica, tendo-se limitado a colaborações esporádicos em jornais e revistas.

Nascido num dos primeiros anos do século XX, na cidade de Castelo Branco, onde seu pai desempenhou funções directivas no Comando Distrital da Segurança Pública, cedo revelou tendência para a criação literária.

Aprovado no exame de admissão à Escola Normal, efectuado em 9 de Dezembro de 1918, fez parte de um grupo de jovens normalistas na criação de um jornal académico da Escola Primária Superior, *ECHO PEDAGÓGICO*, cujo primeiro número foi publicado em 20 de Novembro de 1919¹.

Hugo Correia Pardal foi redactor do Eco Pedagógico, enquanto durou a publicação, atestando a sua presença, para além das tarefas normais, com a abertura de uma secção destinada à poesia, intitulada *Torre do Sonho*, onde dá voz ao poema *A HERMIDA*, rematando com uma nota-pedido

¹ Só o primeiro número traz esta grafia no título, "ECHO"; nos restantes o título usa a grafia normal ECO.

do seguinte teor: “*Está aberta a secção para quem quiser... e puder colaborar nela*”.²

A secção teve seguimento por parte de vários colaboradores, com poemas, actividade a que o nosso biografado Hugo Pardal regressou em 11 de Dezembro seguinte, (no n.º 4 do *Eco Pedagógico*), dando asas à sua emoção romântica com um poema de amor, um soneto, sem título, que mais não é do que um grito, reclamando uma resposta positiva à paixão que ele declara abertamente à jovem por quem se apaixonara:

“E enquanto espero há tanto tempo um olhar
Que o teu amor irreal venha trazer,
No que me perguntaste ando a cismar...
E não sei, meu amor, que te dizer...
Ah! Dá-me o amor que há tanto ando a esperar
Talvez então te saiba responder...”³.

Não há que estranhar que um jovem de 17 anos, em 1919, tente desabafar a dor que o incomoda em versos tão espontâneos e cristalinos, em publicação académica, por certo lida e saboreada por toda a academia normalista de algumas centenas de alunos, sendo a maioria do sexo feminino. Mas a colaboração de Hugo Pardal não se resumiu à poesia. Publicou também artigos em prosa, relacionados com a função pedagógica e a formação específica profissionalizante a que se submetia na Escola que frequentava.

Tal é o teor do artigo *A Nossa Missão*, publicado no n.º 8 do *ECO PEDAGÓGICO*, de 22 de Janeiro de 1920:

“Instruir, eis a palavra que a mão inflexível do Destino nos apontou como futuro. Lendo-a, muitos deixam transparecer um sorriso

² *ECO PEDAGÓGICO* – ORGÃO – PROPRIEDADE DOS ALUNOS DA ESCOLA PRIMÁRIA SUPERIOR, Castelo Branco, 11 de Dezembro de 1919, n.º 4, p. 2, secção Torre do sonho.

³ Idem, idem

desdenhoso, outros deixam-se embalar por uma meditação gravíssima e profunda. Instruir é a missão a que amanhã nos dedicaremos, a mais alta, a mais nobre, mas a de maior responsabilidade.

Aqui, na E. P. S. de Castelo Branco, existem uma dezenas de jovens que amanhã serão professores primários. Os outros, alguns ainda crianças, ante eles se abrem diversos e menos tortuosos caminhos.

Os primeiros são os que levantaram este jornal, na ancia (sic) de mais se instruírem, e são esses que, escrevinhadores amadores d'esta pequena folha, últimos representantes duma classe vilipendiada e nobre, amanhã prepararão numa escola a cultura das gerações do porvir. Alta missão, mister amaríssimo, na verdade o nosso trabalho futuro. Honramo-nos dele. (...)

Dificuldades invencíveis, consecutivas nos deterão na aspérrima jornada. (...)

E quem não sofra não será um educador. (...) ou grandes pelo martírio, ou pela inteligência, só assim desempenharemos bem a nossa missão, porque não há obra maior na terra do que a obra do ensino.

Compreendeu-se isto no passado e compreende-se agora.

Demonstra-o a cruzada das principais mentalidades da nossa época, (...) que, pensando na honra e na salvação da Pátria chamam os bons portugueses à Liga da Educação Nacional.

Compreendeu-se. Sabe-se que instruir é salvar.

Ocupemos com honra e com orgulho o nosso posto. Esperam-nos martírios? Sem dúvida. Mas nós seremos os autores de uma nova era.

Seremos os supremos trabalhadores do progresso os paladinos da Instrução – o norte por que se hão-de orientar todos os países na viagem demorada e difícil para a felicidade humana”⁴.

⁴ Idem, idem, n.º 8, 22 de Janeiro de 1920, p. 1 (duas colunas)

Num dos números de Abril de 1976, destaca-se a seguinte notícia:

“Faleceu HUGO CORREIA PARDAL, devotado colaborador de *Reconquista*

Com 73 anos de idade, faleceu no passado dia 1 de Abril, o assíduo e estimado colaborador de *Reconquista*, de longa data, Hugo Correia Pardal. Uma das suas últimas sugestivas crónicas, a intitulava ele – como uma premonição – ‘São horas...’ Era a evocação de um sincopado diálogo de dois velhos que, diariamente, no banco do jardim dos reformados se encontravam: ‘cá estamos’... e se despediam, ‘são horas...’, até que um dia o duo se desfez. Um dos velhotes jamais voltaria. Em vão o companheiro o esperava. ‘Não estranhou, contudo. É que os velhotes têm sempre consigo – assim terminava a sua crónica – a outra companhia que se lhes entremostra na presença de uma sombra em cada hora a seu lado mais íntimo e familiar. Por isso também ele não voltou, e Deus sabe porque abalando disse pela última vez, só para si e para mais ninguém: – São horas”⁵.

Profissionalmente exerceu sempre funções docentes como educador no Instituto de Reeducação de S. Fiel, em Louriçal do Campo, concelho de Castelo Branco, depois de uma curta passagem pelo ensino primário oficial numa escola do distrito escolar de Lisboa.

O Instituto de S. Fiel, hoje entregue ao Instituto de Reinserção Social, desenvolveu uma obra ímpar de formação profissional de jovens desamparados, a maioria quase sempre com problemas familiares ou de integração social.

Acerca da sua acção como educador socorrer-me-ei novamente da notícia de *O Reconquista*:

⁵ RECONQUISTA, *Semanário Regionalista da Beira Baixa*, n.º 1601, de 2 de Abril de 1976, p. 5. O destaque em itálico é original da notícia do *Reconquista*

“(…)Nesta apressada evocação de última hora não queremos deixar de referir também a fecundidade da dedicação com que, no Instituto de Reeducação de S. Fiel se deu, ao longo de mais de quarenta anos, como professor e amigo, a seus educandos que, na vida, não mais esqueciam a sua exemplar doação”⁶.

Ali, em S. Fiel se consagrou inteiramente a modelar almas de rapazes em perigo, ou já transviadas, como quem realiza um devotado amor e beneditina paciência uma obra de Arte.

“Eles, por seu turno, são gratos ao primoroso educador, numa retribuição válida e talvez a única que não enjeita. Artista de obras vivas, continua-se nos ritmos da poesia e no estilo de prosador consumado, ampliando tão largamente a sua personalidade que se torna indispensável dar balanço a esta considerável actividade artística e literária. Interiorizado e contemplativo, na aparência, define-se, afinal, numa obra fiel ao cânone da expressão poética, sem alijar os ventos dominantes do modernismo, nem perder a noção do clássico e do actual, insubmisso a correntes literárias, inconfundível e espontâneo na sua mensagem”⁷.

Porém, a sua obra literária, que se foi alargando e aperfeiçoando, não se limitou à colaboração nos semanários regionais *Reconquista*, *Beira Baixa* e *Jornal do Fundão*, onde deixou impressos muitos trabalhos inéditos em poesia ou prosa. Refiro-me justamente a toda a colaboração generosamente dada a favor da cultura local nas páginas da Revista *ESTUDOS DE CASTELO BRANCO*, *Revista de História e Cultura*.

⁶ Idem, idem

⁷ DIAS, José Lopes, *ESTUDOS DE CASTELO BRANCO*, Revista de História e Cultura, n.º 25, de 1 de Janeiro de 1968, Pessoas, Coisas e Factos, p. 158

⁷ DIAS, José Lopes (director fundador) *ESTUDOS DE CASTELO BRANCO*, Revista de História e Cultura – 50 números da I Série, iniciada em 1 de Junho de 1961 e n.º 50 em 1 de Outubro de 1974; Nova Série, sob a direcção de António Salvado, de Janeiro de 1976, sendo o último número, n.º 7 publicado em Dezembro de 1981.

Proprietário da Revista, Dr. João Carlos Abrunhosa e Família

A propósito da chamada de Hugo Pardal para o corpo redactorial, escrevia o director da Revista em 1968:

“(...) Hugo Correia Pardal nasceu nesta cidade, mas pensamos que Castelo Branco não o soube por enquanto descobrir, nos singulares dons de poeta e de escritor. Esta indiferença ou esquecimento, longe de o magoarem, quadram, pelo contrário, à sua extrema e natural modéstia, íamos a dizer, humildade, posto que não lograsse passar inteiramente despercebido a certos apreciadores. Na última Romagem de Saudade, outro poeta, o Dr. Frade Correia, não deixou de exigir que ele reunisse toda a sua maravilhosa obra dispersa por inúmeros jornais e revistas, sugestão que foi aplaudida entusiasticamente pela assistência.”⁸

E não se pense que o ex-aluno da Escola Primária Superior de Castelo Branco se quedava pela poesia, romântica ou realista. Era igualmente um cultor exímio da prosa, sobretudo quando se propiciava o tratamento de temas sociais, especialmente quando era possível abordar questões de interesse educativo.

No mesmo número da Revista desenvolve um artigo sobre o tema *O Asilo Distrital da Infância Desvalida de Castelo Branco*, baseado num documento deixado pelo Padre Baltasar Dinis de Carvalho, a propósito da inauguração da obra de beneficência em Fevereiro de 1867:

“Se nos perguntarem o que sabemos do ASILO (...) em boa verdade não saberemos dizer mais nada. Vivemos longe, e nunca transpusemos as suas portas austeras, aquém dos quais, na rua íngreme e escusa, que sobe ao castelo, nunca nos foi dado ouvir o gorjeio duma voz infantil. Do Asilo sabemos apenas que existe, o que já é muito, pois não pode existir sem corresponder a uma função que será égide e bênção de crianças infelizes. (...)”

⁸ Idem, idem, p. 158. O sublinhado em itálico é do original da Revista Estudos de Castelo Branco

Diríamos até, por isto mesmo, que aquela casa não tem história, se o padre Baltasar não nos tivesse legado, pelo menos, a notícia da sua fundação (...) Breves Notas para a História da Beneficência Pública em Castelo Branco, uma coisa materialmente pobrezinha, impressa em papel de jornal, que mesmo assim foi só possível a expensas de um amigo do autor()”⁹.

Sensível à dor e sofrimento humanos, Hugo Pardal deixa transparecer, em literatura muito singela, mas saborosa, a sua dedicação à causa educativa e formativa das jovens ocupantes do Asilo, na perspectiva de lhes assegurar uma vida digna e promissora de um futuro mais risonho, pela aprendizagem escolar simultânea de uma profissionalização condigna e adaptada às suas capacidades. Não perde a oportunidade de salientar as dificuldades económicas a resolver, para o que solicita as atenções dos responsáveis da governação central e local, bem como do altruísmo dos residentes com posses. E cita o exemplo, servindo-se da fonte documental legada pelo Pr. Baltasar, do Conselheiro Guilhermino de Barros e de quantos colaboraram na criação do Asilo. Lançada a obra em 1867, importava desenvolvê-la, melhorando, na medida do possível, as condições da casa, bem como a assistência e a formação das crianças a seu cuidado.

Remata a notícia com a transcrição da dedicatória feita pela família real, em visita propositada ao Asilo feita em finais do século XIX:

“Foi com verdadeira alegria que entrei nesta Casa e que aqui encontrei tanto arranjo e simplicidade, pelo que felicito os seus directores.

El-Rei D. Carlos – D. Amélia, Rainha
Mariano de Carvalho – João Franco
Castelo Branco”¹⁰

⁹ DIAS, José Lopes, *ESTUDOS DE CASTELO BRANCO*, Revista de História e Cultura, n.º 3, de 1 de Janeiro de 1962, pp 60/4. O sublinhado em itálico é do original

¹⁰ Idem, idem. p. 64

Como educador interessado, a causa formativa não lhe passava ao lado. Assim, em artigo denominado *Crónica destes dias*, a propósito de uma carta enviada pelo Ângelo, ex-aluno de S. Fiel, remetida das plagas africanas onde se encontrava em missão de serviço militar, carta em que este lhe pedia conselhos, porque ainda tinha muito para aprender, desenvolve pensamentos pedagógicos muito interessantes:

“(…) Ah! As lições da mocidade...

Meu caro Ângelo, mal sabes tu quanto com a tua carta me vieste ensinar...

Se dos jovens alguns justos motivos de queixa nos assistem, pensemos agora justamente que eles são obra nossa, de todos nós, de tantas mããs que verdadeiramente não são mães, de tantos papás que certamente não são pais, de tantos preleccionadores que positivamente não são educadores....

Os jovens de que nos queixamos são em primeiro lugar vítimas de uma sociedade que não é constituída senão por nós-outros, dum cinema, duma literatura e dum desporto de que nos queixamos também sem atentar em que desse desporto, dessa literatura e desse cinema somos nós os únicos autores e, por conseguinte, os únicos responsáveis. Entretanto, nós vamos dizer à gente moça que se não esqueça de ver a matéria das suas lições, esquecidos por nossa vez de rever os nossos processos de educação e os nossos métodos de ensino (...)¹¹

Estas considerações, já com quarenta e um anos decorridos, continuam válidas e justas, porém, ultrapassadas negativamente, face aos meios disponíveis hoje existentes, sendo os progressos em educação moderados, quando não, em retrocesso. E, com os meios disponíveis é possível fazer melhor! E quanto ao papel da família e da sociedade, a situação é hoje

¹¹ Idem, idem, n.º 2 de 15 de Outubro de 1961, pp. 148-149

certamente mais gravosa, o que vem determinar a indisciplina e o insulto bastante generalizados, sendo certo que só é possível uma boa e sólida educação em ambiente de respeito, confiança e colaboração em reciprocidade.

Pode dizer-se que o professor Hugo Pardal tem trabalhos publicados em quase todos os números da *Revista Estudos de Castelo Branco*, e não só em poesia, embora tenha sido este o género literário mais usual e de sua predilecção.

Como habitante de entranhado amor à sua terra natal, fez um artigo de evocação de Faria de Vasconcelos, publicado no número especial que a *Revista Estudos* dedicou a este ilustre albicastrense, (o Volume 30, de 1 de Julho de 1969).

Neste artigo dedica o autor especial atenção ao estudioso da Pedagogia e experiente formador de professores que foi Faria de Vasconcelos, realçando a sua acção desenvolvida na Bolívia, onde dirigiu a primeira escola laica e mista, e conheceu a jovem aluna Celsa que veio a desposar e de quem teve dois filhos: Águeda e Gonçalo, bem como salientou o seu papel em Portugal, especialmente na instalação e direcção do Instituto de Orientação Profissional Maria Luísa Barbosa de Carvalho, de Lisboa¹².

Cultivou também o conto, que foi publicando em vários jornais ou revistas.

Também a crónica lhe serviu de pretexto, normalmente a partir da realidade, para desenvolver conceitos pedagógicos ou conclusões analíticas de carácter formativo. A título de exemplo, façamos a leitura do texto seguinte respeitante ao aluno Belmiro:

“ERA DOS NOSSOS.

Dos nossos, de S. Fiel, mesmo quando já não estava connosco, longe, no Portugal de além-mar, em defesa da Pátria pela qual recebeu

¹² Idem, idem, n.º 30, de 1 de Julho de 1969, pp 49-55

desde as primeiras horas de luta na actual Componha angolana o seu baptismo de fogo, e dos nossos bem sentimos que ele continua a ser, hoje que já não existe, e hoje mais que nunca.

Dos nossos para sempre.

Dos nossos, ele foi agora porventura o primeiro Herói, tombando em Nóqui, junto do alferes Flores, numa das acções militares em que a mocidade de Portugal presentemente revive (...)

Aluno que foi do Reformatório, inscrito no Quadro de Honra, não desmentiu jamais o sentido daqueles dois versos de Camões que ao mesmo Quadro servem de legenda, e que proclamam: *Caminho de virtude, alto, escabroso, mas no fim doce, ameno e deleitoso.*

A sua vida foi uma ascensão.

História breve que ele escreveu com o próprio sangue (...)

Devemos-lhe as mais enternecidas horas compensadoras da nossa vida profissional. Também o Belmiro dos Santos (...) pegava da pena e nos mandava as suas letras. E essas são tudo quanto de mais como-vedor e elucidativo pode capacitar-nos na hora incerta da grande certeza da Pátria. A primeira das suas cartas foi escrita da foz do Zaire, frente ao padrão de S. Jorge. O Belmiro lembra então as aulas do Reformatório, e escreve ao seu professor. Ali está o Zaire, *o atleta negro* ante cujo estrépito impetuoso parece falar mais alto aquele marco, e com ele os portugueses do passado (...)

Neste teor escreve ao mestre de infância, que não encontra melhor forma de corresponder senão dando-lhe notícias da filhinha que o bravo moço aqui deixou e havia de completar onze meses de idade no próprio dia em que ele mordeu o pó em combate (...) Bem cedo o Belmiro quis para si, apenas com 21 anos, probo e afadigado, os deveres de chefe de família, e por isso tinha o seu lar modesto aqui na fimbria da montanha; à orla da Gardunha. Dessa filhinha lhe falava o professor, fazendo-se eco da primeira palavra balbuciada pela criança e ensinada pela mãe, a palavra que o chamava a chama ainda em vão, de longe, tão longe:

– Pai!

Malhas que o Império tece (...) como diz o autor do *Mar Português*, esse mar de ondas salgadas que nos deram os *Lusíadas*, mas a que devemos também a *História Trágico-Marítima*.

A correspondência do ex-aluno continua, fiel. Agora já não recebe lição, dá-a, excelsa e inolvidável. Dificilmente poderá exprimir-se mais veemente e sincera a alma esperançosa dum soldado, nas rubras horas acesas das hostilidades desencadeadas. A essa correspondência não falta, sequer, a nota humana e tão expressiva da estima do combatente pelos nativos, a que chama seus camaradas – e seus irmãos (...)

Por isso o professor não sabe ter para o Belmiro, ainda neste momento, outras palavras que não sejam lágrimas. Seus olhos erguem-se alto deste papel, ao alto, aonde ele ascendeu no seu caminho de virtude, íngreme e escarpado, mas ao fim glorioso e abençoado (...)»¹³

Escreveu o professor amigo acerca do antigo aluno, mas falou sobretudo o humanista, o cronista que acompanhou o crescimento e a formação do rapaz, que, sendo jovem sem amparo, foi acolhido pela instituição Colégio de S. Fiel, gerido pelo Ministério da Justiça.

Nas horas difíceis de desespero nas matas africanas, tórridas, plenas de riscos naturais e de ciladas humanas, o aluno recordava o seu professor e pedia-lhe o conforto de umas palavras lenitivas de encorajamento.

Como se verifica, não é apenas o antigo professor a compor uma crónica jornalística. É, sim o formador, sensível, o Homem que sofre e sabe dar importância ao semelhante, que esconde, sob certa aparência austera, uma torrente de sentimentos puros de amor e solidariedade, em laços constantes de amizade e bem fazer.

¹³ *Reconquista* – semanário albicastrense, n.º 849, Ano XVII, de 13 de Agosto de 1961

Era o professor Hugo, no seu papel de cidadão, de patriota, em homenagem derradeira ao ex-aluno, desaparecido por uma causa que o transcendeu.

Pretende-se, com esta evocação do professor, escritor e humanista, uma singela homenagem à simplicidade do homem, que deixou uma obra literária extensa, de qualidade, mas dispersa. Merecia uma recolha cuidada, provavelmente acrescida de muitos inéditos, que devem ter sido esquecidos na gaveta ou no bloco, no álbum das recordações, na estante.

É importante que a obra literária do Professor Hugo Pardal seja publicada, interessa divulgar a sua mensagem e o seu exemplo de dignidade e de humanismo.

Fez uma vida de pacatez, de sobriedade, sem exuberância, modesto, mas atento aos interesses regionais e aos valores culturais formativos da juventude. Mas deixou obra escrita, que devemos conhecer porque contém substância formativa e informativa.

Acerca do nosso professor e educador Hugo, afirmou recentemente o leitor do *Jornal do Fundão*, António Alves Ribeiro:

“Hugo Correia Pardal foi um grande poeta, professor e pedagogo! A sua poesia ou prosa, escritas sempre com tinta roxa e com aparos dos antigos, eram mensagens tão simples e significativas que mais pareciam a cartilha da verdade”¹⁴

¹⁴ *Jornal do Fundão*, 12 de Abril de 1997, *DO LEITOR*